

CHRONIQUETA

Rio, 21 de Janeiro de 1895.

A catastrophe.—Censolação.—O Dr. Mello Barreto.—Floriano Peixoto e Casimir Perier.—Pedro do Amaral.

Quinze longos dias são passados depois da medonha catastrophe da barca *Terceira*, e ainda no meu espirito perdura a terrível impressão causada por essa desgraça.

Conto que as minhas generosas leitoras tivessem derramado abundantes lagrimas sobre a noticia de tanta calamidade; conto que as haja commovido até ao fundo d'alma o doloroso espectáculo de tantos mortos, de tantos orphãos e de tantas viuvas.

Conto igualmente que as minhas leitoras tenham mandado o seu obulo a essas victimas, tão dignas de piedosa sympathia, dando assim uma ineffavel satisfação á sua propria consciencia.

Felizmente de toda a parte acode a philantropia publica para minorar o soffrimento dos desgraçados que a catastrophe lançou no desespero e na miseria. Nos tempos de corrupção e loucura que atravessamos, é consolador o espectáculo dessa louvavel solididade. Nem tudo está perdido.

*

Nem tudo está perdido, em que peze á absolvição do Dr. Mello Barreto, o ex-presidente da companhia Geral de Estradas de Ferro, emissora das famosas *debentures* que o criado de Machado de Assis, o philosopho José Rodrigues, traduzia por *desventuras*.

O jury fluminense não fez mais do que respeitar as suas velhas tradições de... condescendencia. O Sr. Dr. Mello Barreto devia ser absolvido, como foi, porque era um engenheiro distinctissimo, um cavalheiro relacionado na melhor sociedade, e não se sou, ou furtando meia pataca a ninguem.

*

Por isso, fez muito bem o advogado que o defendeu, em dizer cobras e lagartos do marechal Floriano Peixoto, por ordem do qual o Dr. Mello Barreto foi preso em Paris, e ainda melhor fizeram os juizes e o promotor publico em não protestar contra a linguagem do referido advogado.

Floriano, o grande Floriano, devia ter feito o que fez agora Casimir Perier: ir para casa e deixar o paiz entregue aos homens da Geral. Se assim procedesse não haveria nos dictionarios adjectivos bastante candongueiros com que o endeozassem...

*

Fiquem registradas nesta columna algumas palavra de adeus ao pobre Pedro do Amaral, que foi um dos homens de espirito da nossa terra, e acaba de morrer obscuramente em Angra dos Reis, onde exercia funções de magistrado. Mais um amigo que desaparece!

ELOY, O HERÓE.

Soneto de Tehe Tsi

Ao som da minha flauta, sonora,
Idyllios a ti só eu modulava;
E, n'elles a minh'alma segredava
A' tua, a minha vida martyrosa.

Cerraste-me os ouvidos, desgostosa;
Mas eu novas canções improvisava;
Meu coração em jubilos nadava,
Por ver-te, entre mil deusas,—gloriosa!

Fitaste-me, e oscillando a altiva fronte,
Com tuas santas mãos meu carne insonte
Lançaste ás agitadas ondas cérulas...

Para encantar tu'alma, uma saphyra
Eu colloquei-te aos pés... mas oh! eu vira
Na tua bôcca um turbilhão de pérolas!

CINCINATO GUTERRES.

A irmã Purificação

Ninguem comprehendia aquella tristeza immensa que parecia ter surgido quasi repentinamente.

Antes Alice era alegre, dessa alegria fresca e ruidosa das moças despreoccupadas, cuja existencia corre serenamente entre os carinhos da familia extremecida e a certeza de um futuro de rosas.

E effectivamente não havia razão alguma para tristezas.

Aos 18 annos, em pleno frescor da mocidade, não se tem o direito de ser descrente. Não falta tempo para o scepticismo; para esta tarde negra da vida que parece um longo dia sem aurora, feito somente de tintas crepusculares.

Todos em casa tinham notado a transformação quasi radical que se operava na moça e em vão procuravam syndicar da causa.

Um dia sua irmã mais velha, a Luizinha, interpelara-a carinhosamente a respeito. Chamara-a delicadamente para o fundo do jardim, para um banco de madeira protegido pela sombra de uma opulenta roseira. E alli, tomando as mãos côr de neve da irmã querida, disse-lhe:

— Afinal has de ser franca commigo... é preciso que me abras este coraçãozinho, em que eu suppunha que tinha o meu quinhão de affecto.

— E tens! respondeu a outra, com um tom firme de voz, que não dava margem a duvidas.

— Bem, creio, e para provar-t'o, dou-te um beijo. E dizendo isso unio os seus aos labios da outra.

— Mas quero que me falles com a maxima franqueza, como fallarias á mamã.

Alice baixou a cabeça.

— Quero que me digas por que soffres, o que é que te atormenta, qual é finalmente a causa desta transformação profunda por que passaste. D'antes eras a vida e a alegria da casa, o encanto do papá, o enlevo de mamã... e hoje estas mudada, mas inteiramente mudada. Que tens? Vamos; falla, abre-te sem reservas com tua irmã.

Alice não respondeu e para conter as lagrimas que lhe chegavam em borbotões aos olhos, arrancou uma folha da opulenta roseira e começou a tritural-a entre os dentinhos alvos.

Estava sensivelmente corada.

Houve um momento de silencio, silencio penoso para ambas, para Luizinha por que bem comprehendia que seria uma indelicadesa insistir, para Alice, porque, pelos modos estava muito resolvida a nada responder.

Passaram-se alguns minutos entregues as duas ás proprias meditações.

Foi Alice quem rompeu o silencio:

— Minha irmã, disse ella, o que eu tenho, o que eu soffro é infelizmente de natureza o não poder ser minorado pelos teus carinhos e pelo teu immenso amor.

Sei bem que se o pudesses, chegarias ao mais extremado sacrificio para restituir-me a passada alegria... mas nada podes. Deixa-me com a minha dôr; vaes casar-te por estes oito dias e eu não quero empanar com a minha tristeza o céu azul de tua ventura de noiva. Quando já estiveres casada, saberás tudo. Se te dissesse alguma coisa antes, talvez te fizesses triste, e eu so quero ver-te radiante de alegria, porque és boa, muito boa mesmo e bem mereces a felicidade que te abrem as portas da vida conjugal.

Luizinha olhava para a outra, sem conseguir comprehendere coisa alguma.

— Depois de casada! repetiu ella... E por que não antes?

— Porque ja te disse que não quero entristecer-te com os meus pezares.

— Será porventura o meu casamento a causa das tuas magoas?

— Oh! não! não! protestou Alice, mordendo mais nervosamente ainda a folha da roseira que tinha entre os dentes.

As duas separaram-se, sem terem adiantado coisa alguma: Luizinha não dera um passo no conhecimento da causa da tristeza de sua irmã.

Alice permanecia envolta no mesmo mutismo obstinado.

Quando depois de trocarem um affectado beijo, Luizinha afastou-se, Alice, só, deixou escapar um sorriso triste e murmurou consigo mesma.

— Pobre irmã! só o muito amor que te tenho é que me faz abafar no fundo do peito esta paixão immensa que consagro ao homem que vae ser teu marido.

E duas grossas lagrimas, rolando lentamente pelas faces foram occultar-se nos seios.

Effectivamente o casamento de Luizinha devia realisar-se dentro de oito dias. Estava tudo prompto para a cerimonia que promettia ser esplendida... convites tinham sido distribuidos por muitas das mais distinctas familias do Rio de Janeiro.

O noivo era um moço serio, de uma familia paulista, recentemente formado em direito e que esperava a sua nomeação de secretario de uma legação na Europa.

Era um cavalheiro de fina e esmerada educação o Dr. Alvaro Campos e geralmente estimado na melhor sociedade, onde vivia.

Realisado o casamento que correu no meio do luxo e do aparato tanto quanto proporcionavam a riqueza e o bom gosto, foi o joven casal aninhar-se em uma encantadora vivenda no Rio Comprido.

Era uma casinha muito elegante, pequena, que deliciosos tufo de arbustos plantados aqui e alli se denunciavam pelos galhos das roseiras e jasmineiros que se debruçavam por sobre o gradil, espreitando a rua, perfumando-a e dando a entender ao viandante que alli residia um jovem par, em plena lua de mel, entoando a mais doce estrophe do poema da mocidade.

Era um encanto a habitação e é facil imaginar a poesia ineffavel que reinava la por dentro.

Quinze dias depois Alice foi visitar a irmã. Era a sua primeira visita e devia ser a ultima.

Entrou alegre, satisfeita, demonstrando na physionomia um certo prazer secreto, que lhe ia n'alma.

Quem a visse, assim de relance, julgaria talvez que se achava diante de uma moça inteiramente feliz e muito contente de si mesma.

Estava mais corada; o olhar porém de um observador detido e consciencioso descobriria facilmente que aquella côr era talvez o resultado de uma simples excitação nervosa.

A irmã recebeu-a com todas as provas de uma alegria immensa, fez-lhe todos os carinhos imaginaveis e chegou a exprimir-lhe o desejo de que ella ficasse para passar alguns dias consigo; seria um prazer immenso para ella.

Alice deixou escapar-se o seu habitual sorriso triste e murmurou:

— Precisamos estar a sós; queres mostrar-me o teu jardim?

Desceram. O jardim não era muito extenso; mas era cultivado com aprimorada elegancia e por toda a parte via-se o capricho e o esmero de pessoas de bom gosto.

Sob um vasto e pittoresco caramanchão sentaram-se as duas em artisticas cadeiras de bambú.

— Estou ás tuas ordens, disse Luizinha.

A outra ficou silenciosa alguns minutos; depois disse.

— Sabes? Amanhã começa o meu noviciado no recolhimento de...

— O teu noviciado! exclamou Luizinha, arregalando os olhos.

— Sim! Ja pedi e obtive a autorisação de nosso papae. Mamãe não queria de modo algum.

Eu entretanto fiz-lhe ver que disso dependia a minha vida.

Tiveram de submeter-se aos meus desejos.

Agora uma palavrinha a ti só, minha irmã.

E baixando a voz acrescentou:

— Tu amavas, amas e és amada... eu era de mais... não acnas?

Sem proferir mais uma palavra, levantou-se, beijou nervosamente a irmã, cobrio o rosto com o véo e afastou-se.

Luizinha ficara como que petrificada... tinha comprehendido tudo. Sua irmã, sua irmãinha amava o

homem que era seu marido e fizera o sacrificio de sua felicidade para deixa-la venturosa no mundo.

Um anno depois Alice Veiga era a irmã Purificação.

DUVAL.

As esperanças do Duque d'Orleans

O New-York-Herald publica um telegramma digno de ser analysado, a titulo de curiosidade e que declara ser o resumo das conversações do correspondente desse jornal, no Hotel Flandres (Belgica) com summidades do sequito do principe e especialmente com Mr. Roger Lambelin, conselheiro geral do Sena, Municipal de Paris, e presidente das *Jeu-nesses royalistes de France*, em Bruxellas.

Segundo a summidades realistas em questão, a França, apesar das apparencias eleitoraes «ficou realista». Muitas circumscripções que votam actualmente em republicanos por causa de certas necessidades locais, guardam intactos seus principios. O negocio do Panamá e a celebre historia da *chantage* farão em breve transbordar a taça de desgosto que enche a Republica. O prestigio que a morte tragica de Carnot dera um instante á Republica vaé diminuindo. Além disso Casimiro Perier é profundamente impopular. As pretendidas sympathias de Casimiro Perier pelos Orleans é pura legenda, fundada na unica lembrança do ministro de Luiz Felipe.

Para a successão de Carnot, os realistas tinham recebido ordem de votar contra Mr. Casimiro Perier e no general Fevrier.

O Sr. Casimir Perier é muito impopular para ir até o fim do seu septenato. Mr. Constans não é mais possivel depois do escandalo eleitoral de Tolosa, nem Mr. Cavaignac depois de seus ultimos desastres politicos.

O partido realista tem portanto tudo a esperar.

Se não tem por elle em Paris, senão *O Monitor Universal* e a *Gazeta de França* é sustentado na provincia por excellentes publicações regionaes muito espalhadas; comités de jovens orleanistas formam se por toda a parte e substituem-se aos antigos comités parisienses; e numerosos operarios mesmo se ligam á causa do Rei.

O espirito do exercito é, além disso, anti-republicano, embora a lealdade lhe ordene a neutralidade, emquanto a Republica ficar como o regimen legal. Quanto ao clero elle já volta a si, das instrucções do Papa.

Os orleanistas, bons catholicos, conservam o direito de ter preferencias politicas independentes.

O programma governamental do duque d'Orleans é ainda uma pagina em branco. Mas seu sequito está persuadido, no que diz respeito do movimento socialista, que o duque tem uma concepção muito moderna da sociedade.

Por emquanto, o duque passa, por assim dizer revista a seus partidarios que lhe chegam de França reanimados, cheios de esperanças. E' um renova-mento realista, coincidindo com um desgosto, crescente.

Dizia Paul Marguerite que as raparigas não amam ninguem; amam o amor.

Isso quer dizer que não amam ninguem, amam a todos em geral e a nenhum em particular.

Não discutimos o assumpto; porque julgamos que o illustre autor francez não tem rasão, praticou simples mente uma clamorosa injustiça.

E a respeito disso, lembramo-nos de um facto acontecido, aqui mesmo, no Rio de Janeiro.

Uma menina, bella como os anjos, faceira como a propria graça, esvelta e elegante, trajando na melhor modista da rua do Ouvidor, tinha uma legião de admiradores; rapazes todos do bom tom, muito distinctos, muito elegantes, vercaadeiras borboletas do nosso *high-life*.

A nossa heroína, a principio parecia esquivar-se a todos; mas afinal deixou-se prender pelos bigodes retorcidos de um adonis de frack inglez e de polainas.

Levaram de namorico um seis mezes; cremos que depois elle se aborreceu.

A mocinha não se deu por achada e pespegou aquelle a quem suppunha ter dado o coração, o seguinte bilhete, que era uma declaração formal de rompimento eterno:

«Sr. F.—O senhor já não faz caso de mim; isso não quer dizer nada. Ainda rondam a porta de minha casa o J. B. o L. M., o S. R., o V. N. o A. N. o O. S. o A. T. e quantos do que já não sei a conta.

Ja vê que não perdi nada e passe muito bem.

Tenho muito onde escolher.»

Origem do lenço

Appareceu a pouco em uma revista allemã um interessante estudo historico sobre o lenço de mão.

Parece que a humanidade deve á Italia a introdução deste modesto porém indispensavel accessorio da civilização.

Segundo o autor do artigo, o uso do lenço de mão não foi conhecido até a primeira metade do decimo sexto seculo. Cerca do anno de 1540, uma senhora venesiana concebeu a feliz idéa de trazer consigo um *façetele* e pouco tempo depois o seu exemplo era francamente imitado em toda a Italia.

O lenço então atravessou os Alpes e foi á França, onde immediatamente foi adoptado pelos fidalgos e fidalgas da cõrte de Henrique II.

O lenço dessa época era um genero de maior luxo. Era feito das fazendas as mais finas e era ornamentado dos mais ricos bordados. No reinado de Henrique III começou a ser perfumado e recebeu o nome de *mouchoir de Venus*.

Foi só em 1580 que o lenço entrou na Allemanha sendo o seu uso, limitado aos principaes e pessoas da maior gerarchia. Tornou-se objecto de leis de luxo, nm edicto publicado em 1595 prohibiu o seu uso ao povo.

Lenta, porém, firmemente se fez a vulgarização do lenço de mão e hoje em dia até o individuo o mais humilde é superior a este respeito a Petrarcha e a Laura, ao Dante e a Beatriz que viveram—é triste de dizel-o, em uma época anterior ao lenço.

THEATROS

Rio, 21 de Janeiro de 1895.

Reappareceu no Variedades a *Estatua de Carne*, com Eugenio de Magalhães no papel de Conde Paulo de Santa-Rosa, e Ismenia dos Santos no de Noemia Keler.

Decididamente a nossa primeira actriz já não está para esses papeis, e bem fará limitando-se a desempenhar aquelles que estejam de accordo com o seu phisico,—por exemplo: o *Filho de Coralia*.

O Recreio fez mais uma *reprise*, que não será a ultima, do *Conde de Monte-Christo*, d'esta vez representado com scenarios novos.

No Lucinda voltou á scena uma magica semsaborona, o *Cavalheiro da Rocha Vermelha*, que desagradára completamente quando representada n'aquelle teatro pela companhia da actriz Clementina dos Santos.

Não atinamos com os motivos que levaram a euzpreza do Lucinda a lançar mão d'esse bagaço.

No Sant'Anna continuam as representações da *Cornucopia do Amor*.

A companhia de zarzuela do Apollo debalde tem procurado chamar concurrencia a esse theatro.

O S. Pedro foi abandonado pelos cavallinhos. Temos lá agora um prestidigitador e ventriloquo.

X. Y. Z.

Sobre uma fita

Demora o meigo olhar sobre esta fita
E deixa que se expanda o sentimento
Da sincera saudade que te agita
E te faz suspirar neste momento...

Oh! deixa entrelaçar-se o soffrimento
De noss'alma que tremula, palpita
Como uma flor levada pelo vento
A voragem que abraça e precipita.

Sobre a deserta praia em que caminho
Triste e só... ao escutar o borborinho
Da vaga a debater-se sobre a vaga...

Lê, quanto o coração me devancia,
São palavras traçadas sobre a areia,
Que a onda a marulhar, depressa apaga.

IGNEZ SABINO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Paizagem

Mira-se o velho torreão do castello medieval, nas aguas marulhosas do rio, quebrando-se de encontro a rocha que serve de pedestal a antiga habitação de austeros fidalgos.

O olhar do viajante demora se nas paredes ennegrecidas do grande solar, testemunha talvez de lutas homericas, em passadas eras. Defendem-no o escarpado rochedo e os reductos intransponiveis da natureza ingrata. E' uma morada de fidalgos; mas bem podia ter sido uma fortaleza de guerra.. arquivo de granito de passados feitos bellicosos.

E' triste e sombria a paizagem; mas quantas recordações, quantas ideias não surgem de momento, a imaginação dos que contemplan a poderosa reliquia de outros tempos.

A despedida

O barco vaé partir; elle tem que demandar o largo; ella porém não quer deixal-o; enlaça-o, chama-o a si, tem tantas coisas ainda a dizer-lhe, tantas coisas... elle, caminhoso, sente-se preso a praia; porque aquelles braços frageis da esposa querida teem mais força para detel-o do que poderosa ancora que atirada fosse ao fundo das aguas. E deixam-se ficar alli, repetindo o que ja disseram confundidos na chamma do mesmo olhar, achando tão dura, tão cruel uma separação embora de poucas horas.

ECONOMIA DOMESTICA

Ezema Pituitario

Agua distillada de melilot.....	200 gr.
Glycerina muito pura.....	40 gr.
Sulfato de cobre.....	3 gr.
Essencia de amendoas amargas.....	10 gottas

Introduza-se, de manhã e á noite, nas narinas uma mecha de algodão fino hydrophylo boricado embebido desta mistura, e conserve-se durante 10 minutos mais ou menos. A cura opera-se em tres ou quatro dias.

A suprema virtude

Sim, tive um sonho encantador! Estava no Paraíso. Via, duas a duas, as onze mil virgens passeando ao longo desta avenida de estrellas, que nós chamamos a Via Lactea.

Era como que a procissão de um pensionato interminavel de anjos. De vez em quando ellas se detinham para colher flores de luz, desfolhando-as, raio a raio—assim desfolham as creanças deste mundo margaridas—ou faziam ramilhetes para o corpinho; e suas conversas em voz baixa, entrecaladas de risozinhos, pareciam o gorgueio de um milhão de passaros. Mas quando eu caminhei atraz dellas, durante muitos annos—porque o Paraíso é uma morada muito vasta que não se visita em algumas horas—achei-me em um logar tão magnifico que fiquei com a alma transtornada e os olhos offuscados!

Não, as mais bellas auroras dos nossos céus inferiores, nos plenos meio-dias de brancuras de fornalha, o incendio dos poentes sobre o mar, não poderia dar uma ideia desta claridade doce e terrível ao mesmo tempo que atravessam silenciosos revoadas de serafins mais luminosos que o dia. E esta claridade infinita, immensa ostentação de luz, diffusa em uma doçura de alva, era da alegria, do amor, da vida. Em cada reflexo brilhava uma virtude, em cada chamma accendia-se uma embriaguez. Eu me sentia como que illuminado de candura e de caridade, de

paixão e de extasis. O sol deste ceu ineffavel deve ser um Coração, um Coração desmesurado, que se derrama e irradia inexgotavelmente.

Entretanto meus olhos se habituaram a tanto esplendor; então eu distingui entre ellas, misturados com ellas, os Eleitos e as Eleitas; foi um delicioso espectáculo. Sobre varandins de alabastro diaphano como neve feita de luz gelada, elles se conservavam sentados, uns vestidos de purpura, outros de hyacintho, e em seus olhos erguidos para alguma prodigiosa visão, que eu não percebia, oh! no sorriso immutavel de suas boccas, na adoração de seus braços estendidos, havia a inexprimivel delicia das volupias perfeitas.

Approximei-me de uma Eleita, e puz-me de joelhos, contemplando-a. Ajoelhados, como eu, Cherubins agitavam diante della thuribulos de prata e cantavam seus louvores.

Ella escutava. Estava pensativa e encantada.

— Oh, bem aventurada, parece que em ver-vos um pouco de vossa felicidade me envolve e me penetra. Se algumas vezes, consentes em distrahir-vos de vossa eterna beatitude, fallai-me, eu vos conjuro. A este pobre homem que vem da terra e que deve para lá voltar, que está condemnado a vagar por muito tempo ainda na floresta das tentações e das experiencias, dizei porque virtude ou porque penitencia mereceste ter um logar no coro divino das Almas, ser louvada por estes Cherubins de thuribulos de prata?

Ella abaixou os olhos que, por me terem fitado, num instante se obscureceram, e, com uma voz tão

semelhante a um canto que eu pensei que um rouxinol fallava:


— Eu era piedosa, disse-me ella, eu tinha deixado o mundo para encerrar-me em um claustro; embora a regra fosse rude, eu ainda achava muito doce; agradavam-me as macerações; os jejuns, os cilícios; passava todos os meus dias em orações, quasi todas as minhas noites em prece. Não sabia mesmo que houvesse sobre a terra moças que vão aos bosques com seus noivos e jovens mães que brincam com seus filhinhos. So ás reliquias eu dava os meus beijos. E quando acabava de soar, antes do crepusculo da manhã, o sino que desperta as esposas do Senhor, eu não me queixava nas naves da capella, frias sob meus pés nus.

Approximei-me de uma outra eleita que me pareceu ainda mais feliz do que aquella a quem eu tinha fallado.

Estava tão esplendente, que o dia paradisiaco, por mais esplendido que fosse, irradiava della! Misturados com Cherubins, Principados e Dominações cantavam seus louvores agitando thuribulos de ouro.

Ella ouvia. Estava pensativa e radiante. Ajoelhei-me tremulo.

— O' santa adoravel, disse-lhe eu, emana de vós tanta luz e fogo que minha alma estremece e assenta-se e afasta-se como uma folha secca em um grande vento de cham. Se vos dignardes algumas vezes, deixar vossa alegria infinita, fallai-me por favor, ah! por favor. Sou um dos senhores habitantes da terra, onde as dores são tão numerosas e tão raras as alegrias. A este pobre homem que muito chorou e que



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÔS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assatina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanée-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLIS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contaria a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEE CAPILLAIRES
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existem em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;
LA PATE ET LA POUDEE MANODERMALE DE NINON
fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os
Perfumistas
e
Cabelleireiros
de
França
e do
extrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARRÓZ especial
PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

Perfumaria
E. COUDRAY

PÔS DE ARROZ
Magnolia — Opoponax — Lacteina
Heliotropo branco
Edelveiss — Velutina superior.

Perfumaria de Lacteina
Oleo de Quina Agua divina
Perfumaria Primavera
Bouquet choisi Perfume para o Lenço

PARIS — 13, Rue d'Enghien — PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabellereiros da America.

Espartilhos
DA CASA
DE VERTUS SŒURS
PARIZ

A afamada casa **DE VERTUS SŒURS** acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA

pouco sorriu, que arrastará longos dias ainda na sombra e na agonia do baixo mundo, dizei que meritos vos valerem revestir um tal brilho, reconhecer taes alegrias e ser louvada por Dominações e Principados que agitam thuribulos de ouro?

Ella inclinou a cabeça, de que jorravam raios, e com uma voz semelhante ao suspiro de uma harpa celeste que uma aza passando arranhou:

— Eu era carinhosa, me disse ella, não imitava as que, no riso das festas, não se esquecem dos miseráveis e dos desesperados; e não me limitava a prece inactiva, ás vans macerações. Visitava os pobres; nada tinha que não fosse para elles. Conheciam-me nas mansardas em que se chora; deixava-se de chorar quando eu chegava. Sentada, a noite, em tristes aposentos cantava canções junto ao berço dos orphanzinhos; consolava as viuvas; dava aos velhos abandonados a illusão dos filhos desaparecidos.

No dia seguinte ao de minha morte não havia no armario pannos para me envolver, porque eu tinha despedaçado tudo para fazer camisas para os mendigozinhos da estrada.

Então eu disse comigo mesmo que bem razão tinham os que recommendavam ás almas a prece e a caridade, porque são sua recompensa taes felicidades e taes glorias!

Ao mesmo tempo não pude deixar de experimentar uma grande piedade, por causa de tantas mulheres jovens sobre a terra, que, tendo outros cuidados, não oram senão raramente. Compram as vezes joias e fiores com o dinheiro que se poderia empregar em esmolas. « Como! pensava eu, não se sentariam ellas um dia, vestidas de hyacintho ou de purpura, sobre estes varandins de alabastro diaphano? »

Mas observei, um pouco mais longe uma Eleita tão resplandescete e que parecia perdida em um tão delicioso extasis que as duas outras não lhe eram comparaveis; ella differenciava-se de suas vizinhas tanto quanto estas se differenciavam das filhas da terra; eu não a via senão através de um deslumbramento que me incendiava os olhos. A linguagem humana não tem palavras que possam dizer seu miraculoso brilho. Ella era como um tufo de flores e de neves de chamma. E não eram somente alguns Cherubins, com seus Principados e Dominações que cantavam seus louvores; mas todos os espiritos dos nove coros e das tres hierarchias ajoelhavam-se diante della agitando thuribulos de diamante.

Prostrei-me, fechando os olhos.

— O' a mais maravilhosa e a mais bella das Eleitas! balbuciei eu; certamente para merecer um tão sobre

humano esplendor, uma tão divina beatitude, deveis ter praticado as mais sublimes virtudes.

Orastes, vós tambem; mas com um fervor desconhecido a todos os filhos dos homens; praticaste a esmola vós tambem, mas com um tal empenho de caridade, com um tão completo esquecimento de si mesma que vos deixaste morrer de fome, talvez, ao lado do pão reservado aos vagabundos da estrada?

O' muito piedosa! O' muito misericordiosa! orae por mim, grande santa.

Ella me olhou. Seus olhos eram tão esplendidamente luminosos que minha obscuridade mesmo não pôde dar-lhe um reflexo de sombra.

— Não, disse ella, eu não orava, e se me levantava cedo ou me deitava tarde não era para levar esmolas ás mansardas.

Então cheio de admiração, perguntei:

— Qual é então o merito, incomparavel bemaventurada, que vos permittiu obter uma tão alta gloria?

Que fizestes, quem ereis—vós em quem estão, mais do que em qualquer outra, a paradisiaca embriaguez, vós a quem louvo e adoro, antes de qualquer outro, a celeste milicia, para que o senhor vos tenha julgado digna de uma tal recompensa? Qual foi, fallae, a vossa virtude?

— Eu era bella, disse-me ella.

CATULLE MENDES.

Laurinha

Por mais que lhe pedissem, ella jamais quiz separar-se de sua querida boneca que lhe dera o papá no dia de seus annos... lembrava-se muito bem deste dia, em que vestira pela primeira vez um bonito vestido branco, todo guarnecido de rendas da Hollanda, com que ficara muito faceira.

Assim o dissera papá! O papá que ficara muitissimo satisfeito, por vel-a tal qual um anjinho. E todos cumprimentaram-na, davam-lhe beijinhos, faziam-lhe festas.

Se ella estava realmente tão seductora!

Fora nesse dia que o papá lhe dera a boneca, uma interessante boneca allemã, de cabellos muito louros e muito finos.

Queria-a muito, tanto que só ia buscal-a nos domingos, ou em dias feriados, tirando-a com todo o cuidado de sobre a cama de jacarandá com incrustações, protegida por um cortinado de filó.

A boneca dormia alli, portanto a semana inteira.

Logo pela manhã Laurinha ia vel-a no berço, de pé, caminhando muito devagarinho para não despertar-a.

Seria uma crueldade se o fizesse.

Dava-lhe então um beijo; ou antes enviava-o, na ponta dos dedos, para não macular, talvez, com os roseos labios a pureza da epiderme, muito corada.

Feito isso, retirava-se outra vez muito cautelosamente para ir dizer á sua mãe que estivera com a boneca, a sua filhinha, que estava boa, que havia dormido perfeitamente.

E a mamã sorria de felicidade, por ver a pequena contente.

Laurinha adoecera...

A principio não ligaram importancia ao facto... uma febrinha que havia de desaparecer com um pouco de aconito, nada mais.

Entretanto a pobre mãe, não deixou de sentir-se apprehensiva; apertou-se-lhe o coração e sentia uma tristeza immensa, sem saber explicar a causa... talvez fossem nervos.

Exigiu entretanto que mandassem chamar um medico... o facultativo apenas examinou a creança, reconheceu a gravidade da molestia... era uma febre de mau caracter que ameaçava desenvolver-se rapidamente, de um momento para outro.

No dia seguinte já não havia esperanza.

A desgraçada mãe, fôra ter com o medico e quasi de joelhos, supplicara-lhe:

— Salve-a, doutor; salve a minha querida filha.

O medico respondeu com evasivas. Empregaria todos os recursos? ainda não estava tudo perdido e alem disso a creança era muito forte, bem podia resistir á violencia da enfermidade.

O pae de Laurinha tivera intuição da enorme desgraça que ia ferir-o. E desesperado, fôra de si, daria toda a sua fortuna, se tanto fosse preciso, para salvar a sua querida filhinha, o seu melhor thesouro, a sua felicidade, o sol brilhante que illuminava todo seu lar. Sentia, antecipadamente, como que um vacuo enorme fazer-se em torno de si...

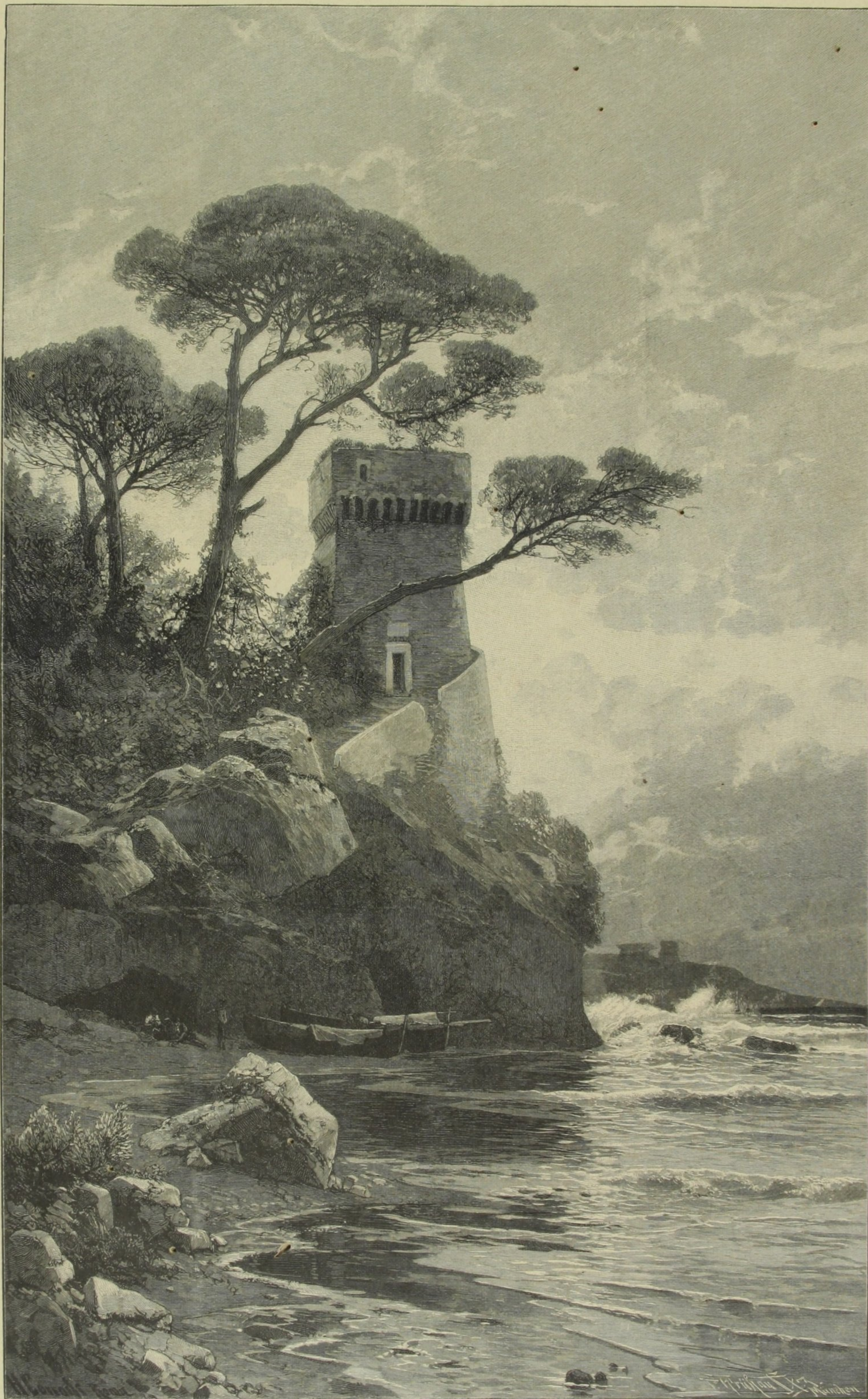
Duvidava mesmo de que lhe fosse possivel a existencia, sem a sua querida e delicada Laurinha.

A' noite a menina entrava em um estado de prostração profunda.

Dominada pela febre que se desenvolvera de um modo extraordinario, parecia adormecida...



BENNEWITZ & LOFFEN. J.



PAISAGEM

Poucas horas restavam-lhe de vida.
 A sciencia tinha recuado diante da violencia brutal da molestia.
 Estavam perdidas todas as esperanças; só um milagre da Providencia.
 Por volta da meia noite Laurinha despertou
 Dir-se-ia que a terra chamava-a outra vez, ciosa d'aquelle anjo que ia partir para os paramos infinitamente azues.
 Olhou em torno.
 O seu olhar já tinha alguma coisa de vago, de indefinido. Era como que uma despedida da terra.
 A um lado o desolado pae procurava conter os soluços que lhe irrompiam do peito, mordendo nervosamente um lenço que ia despedaçando aos poucos.
 A pobre mãe, esmagada pelo peso de tamanha desventura, já quasi que não comprehendia o que se passava.
 Laurinha fallou, com voz muito debil:
 — Minha boneca, deem-me a minha boneca...
 Já são horas de dormir; eu tenho somno, ella tambem tem.
 Deram-lhe a boneca, a sua boneca querida, que ganhara, no seu dia de annos.
 A doentinha tomou-a nos braços, beijou-a, longa e soffregamente e depois embalando-a, murmurou:
 — Vamos dormir. Vamos dormir, sim?
 E ella, o anjinho, a creancinha loura, adormeceu para sempre, tendo nos braços a sua querida boneca.

C. O.

MOSAICO

Cabellos

Um amator de estatistica mediu a superficie da cabeça humana!
 Achou que o nosso craneo tem uma media de cento e vinte pollegadas quadradas.
 D'ahi a calcular o numero de cabellos só havia um passo: o amator de estatistica franqueou-o.
 O numero medio achado por este pesquisador emérito é de cento e vinte sete mil novecentos e vinte cabellos.
 Com certeza este numero é exagerado para muita gente do nosso conhecimento, entre os quaes os que não podem tirar o chapéu, sem se constipar.

*

A D. Crescencia chrisinou-se, a pedido de seu noivo, que aconselhou-lhe mudar o nome para o de Leonor, que era mais poetico.
 No dia seguinte ao do chrisma, appareceu o futuro marido, que ignorava a grata nova da mudança de nome.
 — Então, ainda te chamas Crescencia? perguntou-lhe o noivo.
 — Sou ex-Crescencia, respondeu-lhe ella que tinha foros de litterata.

Na porta de um café, conversavam alguns rapazes sobre varias cousas: revoltas, aggressões, etc.
 Calino que estava presente, disse que a melhor cousa nesses transe, era a presença de espirito.
 — Diga antes a ausencia do corpo, retorquiu o Souza.

*

Uma inscripção funebre que se lê á porta de um cemiterio de aideia:
 « Aqui só se enterram os mortos que *vivem* na fre-guezia.

CORRESPONDENCIA

C. A.—E' indispensavel declarar o seu numero de talão e de onde se mudou.
 73671.—Campinho—O preparo do vestuario custa, inclusive porte, 78000 em brochura, 98 encadernado.
 79028.—S. Braz de Suassuby—Começando em Setembro póde a assignatura correr por 7 mezes, a findar em Março ou por 10, a findar em Junho. No primeiro caso o preço é 154 e no segundo 218000.
 Rosa Machado.—Tem de mandar-nos 28200, sendo 200 rs. pela mudança de residencia e 28 para despezas de remessa para a nova morada.
 80117.—Santo Amaro—Para se fazer alteração de nome é necessario que nos seja enviado o recibo para nelle se mencionar a mesma alteração.
 Escolastica T.—Entregamos a sua encomenda a uma casa especial desta capital, que deve informar-a dos preços e tempo necessario para expedição.
 C. C. C. C.—Não temos á venda os productos annunciados, mas em qualquer boa casa de perfumarias deve V. Ex. encontrar a Eau de Ninon

DELETTREZ
 EM PARIS
 INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
 extra-fina
 DE
AMARYLLIS
 DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Pó de Arroz. de **AMARYLLIS DU JAPON**
 essencia. de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**
 Brilhantina. de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES
 Fabricante
 de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA
 O mais delicioso perfume do Mundo.
 Grande colleção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF
 Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel
 Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Alivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos heijos.

LA JUVENILE
 Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
 Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invetivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.
 Preparado especialmente para ser empregado com o fluido i. tif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH
 para embellezar a tez.
 Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF
 Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES
 Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

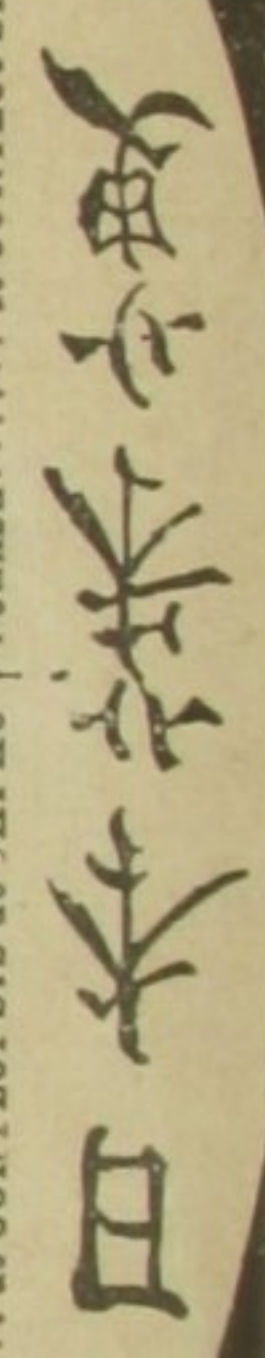
ELIXIR E PASTA SAMOHTI
 Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
 Depositos em todas as principaes Perfumarias.

L. T. PIVER em PARIS
 IMPORTADOR DA
 Nova PERFUMARIA Extra-fina

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 PÓ de ARROZ. ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 BRILHANTINA ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 AGUA de TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO



XAROPE DE DENTIÇÃO
 do Dr DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
 de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 15 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM
VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os **VESICATORIOS**
 Exija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
 FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS
 E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
 ACADEMIA DE MEDICINA
 DE PARIS

Resumem todas as
 Propriedades
 do IODO
 e do FERRO.

40
 Rua Bonaparte
 PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.



OLEO de HOGG
 de FIGADO FRESCO de BACALHAO
 NATURAL e MEDICINAL

Receitado desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as molestias do Feito, Tósse, Crianças franzinas, Tumores, Irrupções da Pelle, Pessoas fracas, Fiôres-brancas, etc. O Oleo de Bacalhão de HOGG é o mais rico em **principios activos**. — Vendido somente em frascos TRIANGULARES. Exigir no envoltorio o sello da Union des Fabricants.

Unico Proprietario: **HOGG**, 2, rue Castiglione, PARIS, E EM TODAS AS PHARMACIAS